



## **EXPERIÊNCIAS DE LEITURA EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: AS VIRTUDES E A EDUCAÇÃO DOS PEQUENOS.**

Ranieli Amorim Carvalho (Graduanda/UERN)

Maria da Conceição Lima de Andrade (Professora/ UERN)

### **Introdução**

O texto, a seguir, apresenta os resultados de um estudo destinado a perceber como a pedagogia difusa, quer dizer, implícita na literatura infantil incide sobre a formação moral do indivíduo. Para tanto, realizou-se, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica, para conhecer e compreender a história do surgimento dos livros infantis, bem como dos seus propósitos.

De acordo com as informações encontradas, os primeiros livros de literatura infantil surgiram no final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, o conceito de infância não existia. Com o passar do tempo, o conceito de criança sofre variações e, conseqüentemente, a forma como se educa pela literatura infantil também sofre alterações. As crianças do século XVII e XVIII eram consideradas como adultos em miniatura, tendo uma educação disciplinadora e punitiva (BASSO, 2001).

Segundo Basso (2001), a literatura infantil por muito tempo mostrou o indivíduo ideal, por meio dos heróis e personagens românticos que representavam as qualidades e as virtudes a serem imitadas. Essa literatura mostrava que toda história tem um fim, com prêmios ou castigos recebidos por seus personagens. E, além disso, ela se configurava como instrumento de formação conceitual e também de emancipação da sociedade.

Os primeiros livros infantis surgiram no século XVII, quando da escrita das histórias contadas oralmente. Foram obras de fundo satírico, concebidas por intelectuais que lutavam contra a opressão para estigmatizar e condenar usos, costumes e personagens que oprimiam o povo. Os autores, para não serem



atingidos pela força do despotismo, foram obrigados a esconder suas intenções sob um manto fantasioso (CADEMARTORI apud BASSO, 2001, s/p).

E, dessa forma, surgem os contos e as fábulas cheios de personagens maravilhosos:

o início da literatura infantil pode ser marcado com Perrault, entre os anos de 1628 e 1703, com os livros "Mãe Gansa", "O Barba Azul", "Cinderela", "A Gata Borralheira", "O Gato de Botas" e outros. Depois disso, apareceram os seguintes escritores: Andersen, Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, Bush. No Brasil, a literatura infantil pode ser marcada com o livro de Andersen "O Patinho Feio", no século XX. Após, surgiu Monteiro Lobato, com seu primeiro livro "Narizinho Arrebitado" e, mais adiante, muitos outros que até hoje cativam milhares de crianças, despertando o gosto e o prazer de ler. (CADEMARTORI apud BASSO, 2001, s/p).

Pode ser mencionado também que livros feitos em Portugal eram usados nas escolas brasileiras nos primeiros anos do século XX. O que o *Primeiro Livro de Leitura* de Felisberto de Carvalho (apud VALDEZ, 2005) traduzia sobre o mundo infantil em sua obra em 1872, tinha como objetivo proporcionar às crianças as primeiras leituras com palavras e frases simples. Para Felisberto de Carvalho (apud VALDEZ, 2005), a infância é o período no qual se deve investir com o intuito de formar o bom homem e, dessa forma, ele representava por meio das imagens em seu livro, os perfis de criança como um modelo preestabelecido.

Para compreender esse investimento feito nas crianças, pode-se complementar aqui com as ideias de Walter Benjamin sobre a contribuição e a função do livro infantil nesse processo educativo:

Se o homem era piedoso, bondoso e sociável por natureza, então deveria ser possível fazer da criança, ser natural por excelência, o homem mais piedoso, mais bondoso e mais sociável. E, como em toda pedagogia teoricamente fundamentada, a técnica da influência objetiva só é descoberta mais tarde e aquelas advertências problemáticas constituem o início da educação, assim também o livro infantil, nos primeiros decênios, torna-se moralista, edificante e varia o catecismo, junto com a exegese no sentido do deísmo” (BENJAMIN, 2002, p. 55).

O objetivo, a princípio, era, portanto, tratar a criança como um sujeito que aprende e que a leitura aos poucos a insere no mundo dos adultos:



Pois os livros infantis não servem para introduzir os seus leitores, de maneira imediata, no mundo dos objetos, animais e seres humanos, para introduzi-los na chamada vida. Só aos poucos o seu sentido vai se constituindo no exterior, e isso apenas na medida em que se estabelece uma correspondência adequada com o seu interior [...]. Elas aprendem no colorido (BENJAMIN, 2002, p. 61-62).

Levando tudo isto em consideração, esta pesquisa tem como objetivo identificar as virtudes presentes em livros infantis que circulam, atualmente, na nossa sociedade, bem como perceber como acontecem as experiências de leitura em espaços não escolares. Para falar sobre virtudes, recorre-se aqui a Aristóteles (1991) que definiu o conceito de virtude como sendo uma disposição voluntária que visa a excelência, a perfeição. O filósofo grego, no entanto, distinguiu as virtudes morais das virtudes intelectuais. As primeiras dependem do hábito. As segundas estão relacionadas à sabedoria e ao conhecimento. A pessoa virtuosa é, portanto, aquela que sabe o que faz e escolhe deliberadamente seguir a conduta reta e é capaz de executar, repetidamente, a retidão com vontade inabalável. O hábito da retidão impele o virtuoso a uma disposição “natural” para ser reto. O hábito é, portanto, uma “segunda natureza”. Aristóteles afirmou, ainda, que a virtude podia ser praticada e aprendida, ou seja, ele acreditava que era possível ensinar as pessoas a serem virtuosas.

### **O material empírico**

Este trabalho, portanto, foi realizado a partir de uma busca nos sites das maiores livrarias virtuais do Brasil para localizar comentários sobre as experiências de leitura com livros infantis. Mais especificamente, em obras edificantes cujo objetivo maior é o de ensinar virtudes. Dessa forma, foram identificados três livros que atendem a esses critérios, quais sejam: *O Livro das Virtudes para Crianças*, uma obra organizada por William J. Bennett; *O Tesouro das Virtudes para Crianças v. 3*, compilação de Ana Maria Machado e *Histórias da Vó Cotinha – Vivências e Virtudes* de Lúcia Nóbrega.



Estes títulos juntamente com as suas respectivas opiniões dos leitores constituem o material empírico desta pesquisa e que serão apresentados a seguir.

### **O Livro das Virtudes para Crianças**

Uma obra organizada por William J. Bennett e ilustrada por Michael Hague, e cuja edição brasileira da Nova Fronteira data de 1997. O livro é organizado a partir de uma coletânea de poemas, contos e fábulas que incluem lendas indígenas e africanas, de diferentes autores, em diferentes épocas e contextos sociais. Alguns textos não possuem a identificação do autor, mas somente o tradutor. Bennett agrupou as histórias por virtudes, distribuindo-as em quatro partes, sendo elas: a primeira – **Coragem / Perseverança** (*Tente mais uma vez, Perseverança, É possível, O Pequeno Herói da Holanda, A tartaruga e a Lebre e As estrelas do Céu*); a segunda – **Responsabilidade / Trabalho / Disciplina** (*O Pequeno Freud, Havia uma Menininha, Por Favor, Precisa-se de um Menino, Lá longe na Campina, A galinha Ruiva, O Rei e o Falcão, Hercules e o Carreiro e São Jorge e o Dragão*); a terceira – **Compaixão / Fé** (*Oração de uma Criança, Respeito aos Animais, Sermão aos Pássaros, Alguém Está Vendo Você, O Discípulo Honesto, O Pequeno Raio de Sol, O Leão e o Ratinho e a Lenda da Concha*); e, a última parte – **Honestidade / Lealdade / Amizade** (*O Pastor, George Washington e a Cerejeira, Senhor, Fazei de Mim uma Luz, A Cinderela Indígena, Os Brinquedos do Menino, O Menino que Mentia, O lenhador Honesto e o Sapo e a Cobra*).

O livro é uma compilação de treze contos, sete fábulas e onze poemas. Todas as histórias são traduções diretas do original, exceto a fábula de Monteiro Lobato escrita na nossa língua. Os tradutores que participaram dessa organização foram Cláudia Roquette-Pinto, Ricardo Silveira, Lia Neiva, Luiz Raul Machado, Carlos Alves e Sofia Souza e Silva.

O organizador dessa obra afirma que tem como objetivo contribuir para a formação moral dos jovens. Para ele,



a educação moral – a educação do espírito e da mente para o bem – envolve diversos aspectos. Envolve regras e preceitos – o que se deve e o que não se deve fazer no convívio com o outro. Envolve a prática reiterada de bons hábitos. E envolve ainda o exemplo dos adultos, que, por meio das atitudes que adotam no cotidiano, demonstram às crianças o apreço que têm pela retidão. (BENNETT, 1997, p. 5-6).

Pode-se afirmar que por muitos séculos a literatura infantil tem sido utilizada como instrumento de educação moral e autores como Esopo, em que suas primeiras versões datam do séc. III a. C, são ainda hoje levados em consideração na hora de utilizar-se de uma história infantil para educar os pequenos. O motivo para tal ação educativa pode ser explicado por La Taille (2000, p. 113) ao afirmar que “as virtudes remetem-nos à [...] qualidade atribuída à pessoa, valor desejável e admirável, leitura ética da personalidade”.

Na primeira parte do livro, para abordar as virtudes da **Coragem e Perseverança**, Bennett organiza poemas, contos e fábulas com histórias motivadoras, de coragem e persistência. São textos de fácil entendimento e que recorrem ao uso da rima, como é o caso de *Tente mais uma vez*. Além da rima, verifica-se a repetição da frase principal. Tal recurso já foi identificado numa análise do livro infantil *Der Struwwelpeter* onde “observa-se que as rimas, de fácil assimilação, obedecem à sequência lógica dos acontecimentos” (ANDRADE; BONA; PEREIRA, 2009, p. 141). Isso significa que a rima e a repetição servem como mecanismo de memorização e de inculcação do conteúdo desejado, no caso específico, determinada virtude. A forma e o estilo da história resultam na atenção e no deslumbramento da criança na hora da leitura.

A diversidade de gêneros presente na obra permite uma leitura prazerosa acompanhada das ilustrações que alimentam a imaginação tanto dos adultos quanto das crianças. O organizador quase sempre após o título da história dá o seu parecer a respeito do que se trata e qual é o propósito daquela leitura. Em uma das fábulas de Esopo, *Hércules e o Carreiro*, Bennett (1997, p. 52) afirma que “esta fábula ajuda-nos a identificar desde cedo as tarefas que nos cabem”. Assim, fica claro que cabe a cada um desempenhar o seu papel, a sua função na sociedade. E, dessa forma, o organizador faz inúmeros



comentários enfatizando os valores morais a serem seguidos e este recurso se repete nas demais partes da obra sempre com escolhas de histórias adequadas e pertinentes às virtudes em destaque.

Ao analisar os contos e fábulas, foi possível perceber que algumas datam do século III a.C e outras do século XX. Isto revela que desde os primórdios da contação de histórias, o ensinamento da moral e das virtudes foi sempre uma preocupação dos adultos de uma maneira geral. Como bem afirma Bennett na Introdução (1997, p. 6), “nunca é cedo para iniciar a tarefa. As estórias contidas nestas páginas poderão ajudar a reunir um primeiro apanhado de exemplos que ilustrem nossa percepção do que é certo e do que é errado, do que é bom e do que é ruim”.

A intenção do organizador pode ser identificada nas opiniões dos leitores da obra. No site da Livraria Cultura pode ser encontrada a seguinte opinião de Marlei em 2001: “*Este livro é ótimo. De **fácil leitura, para todas as idades, toda família deveria ter em casa. Todas as crianças deveriam ler, pois ajuda muito na formação. Também é um ótimo presente***” (grifos nossos).

No site da Livraria Saraiva/Siciliano, Gabriela escreve em 2004: “*Muito bom esse livro! **Histórias encantadoras passando muitas lições de vida! Ótimo livro!***” (grifos nossos). Sayuri, em 2005, complementa as informações:

*Este livro enfatiza aspectos que muitas vezes são esquecidos nos dias atuais. Ele dá importância a **valores éticos e morais**, e mostra que na vida, devemos **aprender a aceitar as consequências pelos nossos atos**, sejam eles **bons ou ruins**. Altamente recomendado, certamente **não só para os pequenos, mas também para os mais crescidinhos que apreciam boas histórias e se maravilham com as belíssimas ilustrações que enriquecem o livro!** (grifos nossos)*

O que se pode observar é que as expressões tais como “valores éticos e morais”, “formação”, “lição de vida”, “para todas as idades”, além das “ótimas histórias com belíssimas ilustrações” e “de fácil leitura” podem resumir as expectativas dos leitores com este tipo de literatura.



### O Tesouro das Virtudes para Crianças v. 3

De organização de Ana Maria Machado com ilustrações de Thais Quintella de Linhares e editado pela Nova Fronteira em 2002, esse livro é uma coleção de histórias que variam dos clássicos da literatura infantil até textos mais recentes. A organizadora também é autora de algumas histórias presentes na coletânea. Cada virtude apresentada na obra agrupa de duas a seis histórias. Para a **esperança**, tem-se: “*Oiço, como se o cheiro*” (Fernando Pessoa); *A estrela* (Manuel Bandeira); *As notícias e o mel* (Marina Colasanti); e “*Severino retirante*” (João Cabral de Melo Neto). Para a **fé**: *O sono de um anjo* (Luiz Guimarães Junior) e *Jesus* (Silveira Neto). **Justiça**: *Cravo* (Irmãos Grimm) e *O navio negreiro* (Castro Alves). **Modéstia**: *Velha anedota* (Artur Azevedo); *Bom dia, todas as cores* (Ruth Rocha) e *O pavão do abre-e-fecha* (Ana Maria Machado). **Coragem**: *O homem que saiu em busca do medo* (Irmãos Grimm) e *Fortaleza* (Cora Carolina). **Honestidade**: *As três folhas da serpente* (Irmãos Grimm) e “*Compreender um ao outro*” (Fernando Pessoa). Por fim, a virtude da **bondade** com as histórias: *Nascemos para brilhar: Tainá* (lenda indígena); *Na alcova sombria e quente* (B. Lopes); *A serpente branca* (Irmãos Grimm); *Recompensa* (Sidônio Muralha); *Maria Maria* (Luiz Raul Machado) e *Barco sem rumo* (Cora Carolina).

Como se pode observar, há uma diversidade histórica e geográfica das histórias selecionadas considerando a variação dos séculos XIX ao XXI e a nacionalidade dos autores (alemães, portugueses, brasileiros e, inclusive, uma autora é de origem italiana). Em toda a obra são utilizados dois personagens criados pela própria organizadora: um é Aurelina, a traça que ajuda na compreensão de palavras desconhecidas; o outro é o grilo Cri-Cri que tece comentários a respeito das histórias. O intuito é facilitar o entendimento do texto e possibilitar também a discussão por parte dos leitores. Além disso, antes do início de algumas histórias, a organizadora escreve algumas palavras sobre a virtude em questão.



O livro traz ilustrações coloridas correspondentes aos conteúdos das histórias. É possível perceber em W. Benjamin (2002, p. 65), uma das intenções do escritor de livros infantis ao fazer uso da ilustração como recurso: “a imagem colorida faz com que a fantasia infantil mergulhe sonhando em si mesma. A xilogravura em branco e preto, reprodução sóbria e prosaica, tira a criança de seu próprio interior”. Assim, o livro infantil que se utiliza das gravuras e das palavras tem o intuito de despertar o interesse e o sonho na criança desde cedo.

Educar com humor e graça foram características marcantes nesta obra. Na apresentação, Ana Maria Machado (2002, p. 8) expõe a sua expectativa de que os textos “incluídos possam ser apreciados, porque são bonitos e divertidos. De quebra, vão transmitindo mensagens positivas e ensinando algumas coisas”. Isto não passa despercebido por seus leitores, como pode ser verificado na opinião dada por Pacce, em 2009, e que pode ser encontrada no site da Livraria Cultura:

*Ana Maria Machado é escritora deslumbrante assim como Monteiro Lobato foi ao século passado. Seus livros são indispensáveis, não só pela qualidade literária, mas também pela arte de **educar com ritmo, humor e graça**, para esta geração que está sendo educada sem limites. Pela culpa que os pais sentem por não estarem disponíveis. Seus livros também contribuem enormemente para as crianças pobres, entregues ao descaso político. Enviei daqui da Nova Zelândia através da Livraria Cultura os três volumes do Tesouro para minha neta. Grande Ana Maria (Grifos nossos).*

No depoimento desta vovó preocupada com uma geração educada sem limites e com as crianças pobres, são perceptíveis os recursos utilizados nas histórias, dentre eles o ritmo. Tudo isso para fazer valer o que a própria organizadora revela na apresentação dessa obra: “por meio da palavra escrita, e de uma forma bonita e interessante, cada momento histórico vai passando adiante noções de certo e errado ou de bem e mal” (MACHADO, 2002, p. 7).





## Histórias da Vó Cotinha – Vivências e Virtudes

De autoria de Lúcia Nóbrega, esta obra foi editada pela Rideel e está em sua primeira edição datada de 2010. Com personagens diversos, as histórias são contadas por uma divertida e comunicativa Vó Cotinha que tem o público infanto-juvenil como alvo. O livro foi criado com o intuito de fazer as crianças pensarem a respeito dos valores e das virtudes, mas com uma abordagem mais atualizada do que comumente pode ser encontrado em outros livros infantis.

A obra reúne histórias assim intituladas: *Agressividade, Água, Mistérios da Amazônia, Boas Maneiras, Cidadania, Higiene, Medo, Diferenças, Profissões, Saber ouvir não, Relacionamentos e Timidez*. Por meio de assuntos comuns ao século XXI, a autora sugere, de forma delicada, comportamentos, formas de combate ao preconceito, bem como instiga o cultivo de valores morais. Mas, por mais contemporânea que seja esta obra, algumas virtudes e valores defendidos pela escritora estão presentes nos ensinamentos das crianças desde há muito tempo, como por exemplo, as boas maneiras. As histórias, por serem experiências em situações distintas pelas quais os personagens principais passam, permitem, ao final, uma reflexão do leitor sobre essas vivências. Pela opinião encontrada no site da Livraria Cultura, dada em 2010 por Oliveira, uma mãe leitora, é possível perceber a forma agradável de ensinar que o livro traz:

*Antes de a minha filha de seis anos, dormir, sempre leio histórias para ela. Histórias da Vó Cotinha é ideal para esse momento, pois ensina, docemente, através de vivências sobre moral e a como adquirir virtudes. Leitura de fácil entendimento, acessível pelo preço, bem ilustrado com histórias cativantes. É o típico bom, bonito e barato, muito mais também por ser um excelente livro de leitura infantil. Recomendo!(Grifos nossos).*

A forma de ensinar docemente ou o gesto adocicado para usar as palavras de Benjamin (2002) pode ser interpretado de várias formas, dentre elas a de como as histórias foram escritas. Ou seja, o fato de ser contada por uma simpática vovó torna a leitura mais suave e, dessa maneira, pode carregar suas histórias de conselhos sem, no entanto, fazer uso do “terror” das bruxas e das



florestas negras que acabam aterrorizando os pequenos. A única floresta presente no livro é a Amazônica cujos mistérios trazem a intenção de incitar a curiosidade. Em outras palavras, aqui não se educa pelo medo, mas pelo carinho, pela maneira didática e tranquila com a qual os temas são abordados.

Desse modo, o livro *Histórias da Vó Cotinha: vivências e virtudes* de uma forma divertida, e como bem disse a leitora – docemente – oferece leituras sobre temas diversos com o intuito da edificação moral e de desenvolver na criança desde cedo as virtudes necessárias para se viver na sociedade atual.

### **Considerações Finais**

Pode-se observar que as experiências de leitura em espaços não escolares, capturadas nos comentários das leitoras, revelam as virtudes, os valores morais e os comportamentos esperados tanto pelos pais, avós, tios – leitores para as crianças – como também pelos próprios escritores e organizadores dos livros infantis. Pode-se perceber, também, que nesses momentos de magia e encantamento que se realizam na família acontece um processo educativo de valores e virtudes com grandes chances de êxito, uma vez que ocorre num ambiente propício a trocas afetivas.

Além disso, verifica-se ainda a eficácia do uso de recursos tais como: as belas ilustrações, as rimas, a seleção de textos clássicos, assim como de produções recentes que abordam temas atuais tornando as narrativas graficamente atraentes e literariamente agradáveis. Tudo isso colima para potencializar a inculcação dos valores socialmente mais legítimos.

Para Ana Maria Machado (2002, p. 7). “a literatura tem sido um dos mais tradicionais meios que a sociedade tem para transmitir valores éticos de uma geração para outra”. Cultivar os bons costumes, os valores éticos e morais e as virtudes sempre foi uma das preocupações dos pais, e conseqüentemente, os escritores dos livros infantis tem destinado boa parte das suas histórias para a educação dos pequenos.



Para se ter uma ideia do quanto essa preocupação está presente na literatura infantil e de como o livro é responsável por essa transmissão, Valdez (2005, p.184), tendo como referência o *Primeiro Livro de Leitura* de Felisberto de Carvalho, afirma que “a infância [...] era o período no qual se deveria investir com o intuito de formar o bom homem que faria o progresso do país, e o livro tinha uma função primordial para cumprir com essa tarefa”. Esse Livro de Felisberto data da Primeira República do Brasil — séc. XIX – e, desde essa época, a infância já era considerada como um período no qual se deveria investir na educação com um fim moral. Deste modo, pode-se compreender que a preocupação com a edificação moral está presente tanto nos livros infantis mais atuais quanto de séculos passados.

No que diz respeito às virtudes exaltadas nas três obras analisadas, pôde-se perceber que algumas permaneceram ao longo dos tempos e outras novas surgiram. As virtudes encontradas foram: coragem, perseverança, responsabilidade, trabalho, disciplina, compaixão, fé, honestidade, responsabilidade, lealdade, amizade, esperança, justiça, modéstia e bondade. No livro *Histórias da Vó Cotinha*, aparecem outros temas surgidos a partir das necessidades e problemas atuais da nossa sociedade, tais como: o combate à agressividade, a preservação da água, o respeito à natureza, cidadania, cuidado com a higiene, respeito às diferenças, dentre outros.

Como explicita La Taille (2000), as virtudes são constituídas no convívio com o outro, ou seja, surgem da necessidade de manter a “harmonia” entre os membros de dada cultura. Desta forma, a virtude está presente em toda e qualquer sociedade, podendo haver distinções na atribuição valorativa de dada virtude em cada grupo social. Isto foi observado aqui nesta pesquisa quando, por exemplo, em *Histórias da Vó Cotinha*: vivências e virtudes são abordadas temáticas específicas do Brasil, podendo ser citada a narrativa *Mistérios da Amazônia*. O que conduz à conclusão da existência de valores e virtudes universais, bem como de específicos a cada grupo social e é disto que se constitui a cultura.



## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Maria da Conceição Lima de; BONA, Melita; PEREIRA, Gilson R. de M. *Pedagogia E Educação Dos Costumes Num Antigo Livro Infantil: DER STRUWWELPETER*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 30, n. 106, p. 131-149, jan./abr. 2009. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 10/09/2012.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Coleção Os pensadores. vol. 2. 4. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991.

BASSO, Cíntia Maria. *A literatura infantil nos primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos*. Revista Linguagens & Cidadania. Edição 06. Rio Grande do Sul. 2001. Disponível em: Em [http://www.ufsm.br/lec/02\\_01/CintiaLC6.htm](http://www.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm). Acesso em: 12/03/2013.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

BENNETT, William. *O livro das virtudes para crianças*. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1997.

LA TAILLE, Yves de. Para um estudo psicológico das virtudes morais. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 109-121, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/298/29826208.pdf>. Acesso em: 11/09/2012.

MACHADO, Ana Maria. *O tesouro das virtudes para crianças v.3*. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2002.

NÓBREGA, Lúcia. *Histórias da Vó Cotinha: vivências e virtudes*. Ed. Rideel, São Paulo, 2010.

VALDEZ, Diane. *Virtudes, instrução e diversão: a infância no Primeiro Livro de Leitura, de Felisberto de Carvalho (1892)*. *Pró-posições*, v.16, n.1 (46). jan./abril. 2005.